

O OLHAR DO BISPO SOBRE A CIDADE: DOM HELDER CAMARA E SUAS CRÔNICAS NA RÁDIO OLINDA

Lucy Pina Neta[1]
Joyce Conceição Mesquita[2]

Resumo
O presente artigo é fruto do trabalho desenvolvido de forma conjunta entre as autoras, durante os meses que trabalharam no acervo do Instituto Dom Helder Camara. O objeto central da análise são os manuscritos recuperados das crônicas diárias que eram lidas na Rádio Olinda, no programa "Um olhar sobre a cidade", de autoria do falecido Arcebispo de Olinda e Recife Dom Helder Pessôa Camara (1909-1999). Desenvolvemos três eixos que espelham os objetivos desse texto; primeiro, apresentamos aspectos desse Dom Helder comunicador, com ênfase para o "comunicador de rádio", ao mesmo tempo que trazemos dados históricos sobre as rádios católicas e seu modo de atuação no Brasil; segundo, evidenciamos esses manuscritos como fontes primárias, fazendo uma descrição pormenorizada da forma e do conteúdo desses documentos. Por fim, apresentamos um esboço das primeiras publicações decorrentes dessas crônicas, tanto daquelas que apenas as reproduzem, quanto aquelas que as analisam. O elemento distinguidor de nossa pesquisa está na busca por fazer novas e diferentes perguntas às fontes, usando como fio condutor as ferramentas propostas pelo paradigma indiciário, para tentar entender esse sacerdote comunicador operou esse capital simbólico que significou o programa. Superando, dessa forma, as paixões que a figura pública de Dom Helder suscita.

Palavras-chave: Igreja. Pierre Bourdieu. Carlo Ginzburg.

Introdução

Em 1º de abril de 1974, a Rádio Olinda, emissora da Arquidiocese de Olinda e Recife (AOR), fez a primeira transmissão de "Um Olhar Sobre a Cidade", Dom Helder Camara, à época Arcebispo, emprestava sua voz para a leitura das crônicas que compunham o texto base do programa. Originalmente, a atração ocupava cinco minutos da grade no começo da manhã, da segunda-feira até o sábado. Há registros de que ele tenha durando até o ano de 1984, no entanto, os arquivos sonoros são

[1] Professora e doutora em Ciências da Religião (UNICAP). Pesquisadora ativa do grupo de pesquisa Estudos Transdisciplinares em História Social. E-mail: lucypina1608@gmail.com
[2] Aluna do 7º período do curso de Licenciatura Plena em História, da UNICAP. Pesquisadora do PIBIC-UNICAP 2018-2019. E-mail: joycemesquitam@gmail.com



vagos e incompletos, porém, a coleção de manuscritos desses programas está melhor preservada, dela foram recuperadas 2.549 crônicas, escritas até 22 de abril de 1983.

Também durante os anos de 1976 e 1984, Dom Helder manteve na mesma emissora outro programa, primeiro intitulado “Prece na Hora da Ave-Maria”, segundo os manuscritos dos cinco primeiros programas datadas entre 30.08.1976 e 04.09.1976. A partir de 04.09.1976, adota-se o título que ele carregou até o final, “Pausa para uma Prece”. Caracterizado por ser um programa mais curto, sua duração era de aproximadamente um ou dois minutos, também era veiculado de segunda à sábado. Aqui vale ressaltar o respeito que Dom Helder tinha por seus “rádio-ouvintes”, sabendo que poderia atingir um público não católico, preferia dirigir à súplica usando um termo mais genérico para se referir ao divino. Outra característica desses textos é a forma como eles encerram, com a expressão latina clássica, também comum às religiões, “amém!”. Desse programa não foi conservado nenhum arquivo sonoro, no entanto, foram recuperadas 1.808 preces, sob a forma de manuscritos, sendo a última escrita em 28.02.1983.

Então, por que analisar somente um dos programas e, não os dois? Por que escolher justamente aquele que inclusive já foi objeto de estudo de outros pesquisadores? Primeiro, porque esse é o primeiro trabalho que fazemos usando essas fontes, nada impede que depois nos debrucemos sobre os manuscritos do segundo programa ou até que novos pesquisadores façam o trabalho de análise. Segundo, porque durante nossa experiência de trabalho, percebemos que há, por parte tanto dos curadores do acervo quanto daqueles que o visitam, uma memória afetiva ligada à voz de Dom Helder lendo as crônicas. Talvez por isso, e respondendo a última pergunta, tenha nos inquietado tanto a leitura das obras já publicadas sobre os programas. Sentimos que faltam nelas, em parte, um desvencilhamento entre seus organizadores/autores e, a notória admiração que demonstram sentir pela figura pública de Dom Helder, assim o descreve a Editora Civilização Brasileira na primeira edição do livro “Um Olhar Sobre a Cidade:

Dom Helder Câmara não é, decididamente, um homem das elites, um príncipe da Igreja no que o termo tem de faustoso e pedante. É, sim, o príncipe pastor que, com humildade e imbuído de seu incansável amor pelo ser humano, lança um sábio olhar sobre a cidade que à sua frente se descortina e fala às suas



ovelhas, na linguagem delas mesmas que é a dele também, pois para ele rebanho e pastor são um só. (CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA, 1976.Orelha do livro)

É provável que tamanha admiração se deva ao fato de que esses autores e organizadores fizeram parte da geração que conviveu com Dom Helder ou, talvez, a escolha do método que utilizam não lhes permitiu avançar num exame mais minucioso desses documentos. O fato é que, as autoras desse artigo fazem parte daquela geração que jamais conheceu Dom Helder pessoalmente, isso permitiu que elas se ativessem mais ao conteúdo dos documentos do que, por exemplo, à memória afetiva que eles pudessem lhe suscitam.

Outro aspecto que diferencia esse trabalho é que existe, por parte das pesquisadoras, o arguto desejo de conseguir responder, através da pesquisa científica, a perguntas frequentes relacionadas a esses documentos como, por exemplo: Porque Dom Helder recorreu aos microfones da rádio? Ele escreveu sozinho todas aquelas crônicas? Elas eram gravadas ou ao vivo? Como ele reagiu à censura que se impôs ao programa? Quem decidiu pelo fim dele? Perguntas que até o momento permanecem sem resposta.

Catalogar, produzir inventários, preparar os manuscritos para os primeiros processos de conservação, elaborar a sistematização da disponibilização do acervo na web, foram algumas das tarefas que serviram como motor de partida para tantas perguntas. Outras, surgiram durante as incontáveis visitas guiadas pelo museu de Dom Helder. Mas, mais importante do que ter boas perguntas é saber como fazer o conjunto das fontes históricas responde-las.

Por isso, esse artigo foi escrito segundo a lógica científica do método indiciário, proposto pelo historiador italiano Carlo Ginzburg. Seu modus-operandi, descrito principalmente no artigo “Sinais: raízes de um paradigma indiciário”, publicado no livro “Mitos, emblemas e sinais: morfologia e história” (1989), serviu de modelo metodológico, segundo ele: o primeiro passo numa pesquisa é fazer uma atenta observação aos detalhes das fontes, isso pode parecer, muito lógico e convencional, mas não é. Observar os detalhes nesse caso significa sair da primeira camada de informações que cada documento pode oferecer, no caso das crônicas, por exemplo, significou, entre outras coisas, cruzar a linha de análise da linguagem, geralmente, atada à seguinte definição: “bem simples (jamais simplista, menos ainda simplória), pouco recomendável aos que buscam na leitura mera satisfação de seus



impulsos esteticistas/elitistas" (CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA, 1976.Orelha do livro). Mais do que olhar para a composição do texto, geralmente, escritos em períodos curtos, sem orações subordinadas, com uso direto das formas verbais (sujeito, verbo, predicado). Nossa análise buscou debruçar-se sobre a maneira como aquela linguagem comunicou as impressões daquele sacerdote, a escolha do uso de determinados vocábulos e a forma como abordou temas polêmicos e controversos.

Mais do que a assinatura no manuscrito, a autoria daqueles textos pode ser percebida pela forma como aquele discurso foi construído, aquelas crônicas representaram a força do imenso capital simbólico que a figura de Dom Helder Camara possuía, para usar um conceito do historiador francês Pierre Bourdieu. O pequeno sacerdote de aparência franzina conseguiu atravessar os limites do seu "rebanho" católico, atingindo, com seu discurso, um público amplo e bastante heterogêneo de ouvintes. Talvez porque ele reunisse em torno de si elementos que o qualificavam para além do aspecto religioso, talvez houvesse uma identificação social entre ele e seu público, talvez a força de suas palavras estivesse assentada no fato de que elas nasceram, em sua maioria, de uma experiência prática de vida pastoral, e não das teorias livrescas. Ou simplesmente por tudo isso, Dom Helder tenha inaugurado um novo modo de fazer radialismo.

O comunicador de batina

No início dos anos 20 do século XX, o Brasil começou a ouvir suas primeiras transmissões de rádio. Nessa época, Dom Helder estava se preparando ingressar no Seminário da Prainha, em Fortaleza, capital que ainda não contava com uma rádio local. Fato que só viria a acontecer em 30 de maio de 1934, com a inauguração da Ceará Rádio Clube (PRE-9). Talvez por isso, ao fazer memória desse período de sua vida, ele não tenha referências desse veículo de comunicação. Já nos anos em que viveu no Rio de Janeiro, entre 1936 e 1964, sobretudo após a experiência do Congresso Eucarístico Internacional, em 1955, Dom Helder vai ser descoberto pelos meios de comunicação, entre eles o rádio.

Durante a chamada "era de ouro do rádio", entre 1940 e 1950, Dom Helder estava absorvido pelo trabalho como funcionário público no Instituto de Pesquisas Educacionais, vinculado à Secretaria de Educação do Rio de Janeiro. No entanto, sua participação em programas e auditório e de rádio começaram a tornar mais



conhecida a sua voz e, a associa-la a credibilidade e confiança que sua figura pública já gozava. Em 1956, ao conceder uma entrevista para a Revista do Rádio, Dom Helder escreveu a seguinte mensagem:

> Os que lidam com o rádio não sabem: mas todos os dias, na Missa, penso neles, como penso nos que fazem imprensa, teatro, cinema e TV. São criaturas que participam de uma responsabilidade tremenda que como sacerdote, conheço de perto: a de atingir as almas e formar a opinião pública. Peço a Deus que ninguém se aproxime de um microfone sem medir a força imensa que vai manejar. (CAMARA, 1956, p. 9)

É importante ressaltar que nessa época o Brasil ainda não tinha uma rede de emissoras católicas, elas só começaram a chegar aqui, por volta de 1958. Quando Dom Távora, à época Bispo Auxiliar do Rio de Janeiro junto com Dom Helder, recebeu o convite para enviar à Mônaco, um representante do Brasil, para ingressar na Associação Católica Internacional para a Rádio e a Televisão – UNDA. Foi escolhida, na ocasião, a leiga Marina Bandeira3. Em pouco mais de um ano, a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) registrou a existência de, aproximadamente, 70 emissoras católicas, no território nacional. Nesse momento essas emissoras conservavam um caráter mais educativo do que voltado ao entretenimento, como era comum em outras emissoras.

Equevo a esses eventos, Dom Helder comemora a 100ª apresentação do seu programa, “O Pão nosso de cada dia”, na Rádio Globo, transmitido de segunda a sábado, na faixa das 21h às 21h30, com transmissão simultânea pela TV, para o Rio de Janeiro. Perguntado qual a sua opinião sobre o rádio Dom Helder responde:

> Para mim, o rádio é, em grande parte, a solução ideal de apóstolo. Tinha sede de estar presente ao mesmo tempo em muitas cidades. Sonhava atingir públicos numerosos e diferentes. Deus sabe que não é por vaidade, mas pelo desejo de ajudar a fazer o bem. Não podendo bilocar, multilocar (isto é, estar ao mesmo tempo em 2 ou vários lugares como alguns santos fizeram) socorro-me do rádio. Não é esta a gratidão única que devo ao rádio. Agradeço a possibilidade de cultura ao alcance de todos, a diversão ao alcance de todas as bolsas e a companhia que faz aos impossibilitados de sair de casa (pela idade ou pela doença) e nas emoções que lhe causa. Inclusive com novelas que são seguidas com interesse apaixonante. Para ser

[3] Para maiores informações sobre a atuação de Marina nesse período sugerimos a leitura de “Vigília e Testemunho”, livro de memórias de Marina, publicado em 2013.



> sincero, durante muito tempo as ocupações absorventes só por exceção me deixavam tempo para ouvir rádio. Hoje que pertenço à família do Rádio, ando com um receptor portátil para acompanhar os vários programas e inclusive aprender como melhorar sempre mais meu próprio programa (CAMARA, 1958, p.64-65)

Dom Helder foi abraçando causas ainda maiores, que lhe exigiram grande esforço físico e um teste à sua figura pública. Eventos como a “Tarde Sagrada” (1958), encenação do Domingo de Ramos, feita no Estádio do Maracanã, no Rio de Janeiro, foi transmitido ao vivo pela Tv e pelo Rádio, além de ser assistido por milhares de pessoas no estádio. E, a “Grande Noite da Paixão” (1959), no mesmo estádio lotado, e também com transmissão para rádio e TV.

Essa foi sua escola de comunicação de Dom Helder, dita numa linguagem poética, “Cum saber só d'experiências feito” (CAMÕES, 2000, p.190). Essa ideia nos permite explorar os conceitos que formam o núcleo do que Pierre Bourdieu chamou de poder simbólico, constituído por “capitais” de natureza diversas.

> O poder simbólico é um poder de construção da realidade que tende a estabelecer um ordem gnosiológica: o sentido imediato do mundo (e, em particular, do mundo social) supõe aquilo a que Durkheim chama de conformismo lógico, quer dizer "uma concepção homogênea do tempo do espaço, do número, da causa, que torna possível a concordância entre as inteligências" (BOURDIEU, 1989. p.9)

Desses capitais podemos apontar que Dom Helder opera pelo menos dois: o capital social, decorrente das relações sociais que ele construiu ao logo da vida, com religiosos, com políticos, com artistas e que, de forma prática, lhe permitiu transitar por esferas além do circunscrito espaço das sacristias. Outro, foi o capital simbólico, esse último que procuramos demonstrar, apresentando como a sua figura foi sendo forjada e a ela foi sendo agregada valor. Ao assumir os microfones da Rádio Olinda, na década de 1970, Dom Helder era um radialista experiente, ou um “comunicador de batina” e seu programa crônicas demonstrou isso. Seguro do conteúdo e mantendo a organização que sempre lhe foi peculiar, as crônicas deixaram uma marca indelével nos ouvintes.

À diferença dos eventos e programas que Dom Helder fez no Rio de Janeiro, “Um olhar sobre a cidade” nasceu no ceio de um país que vivia num ditadura civil-miliar. É provável que essa seja a razão para qual a cobertura midiática em torno do



programa e de seu apresentador não tenha ocorrido, posto que durante os primeiros anos do programa Dom Helder não podia ser mencionado direta ou indiretamente nos meios de comunicação do Brasil. Somente em 1977, os jornais comeram a noticiar, não o programa em si, mas o "best-seller" nacional, "Um olhar sobre a cidade", coleção das crônicas que havia sido publicada pela Civilização Brasileira no final daquele ano.

Um olhar sobre suas crônicas

O que terá significado para Dom Helder abrir as janelas de seu palácio episcopal ou observar da janelinha de sua casa na Igreja das Fronteiras, no coração do Recife, e lançar seu olhar sobre "a cidade"? Teria sido mesmo as cidades-irmãs Olinda e Recife, as "musas inspiradoras" do nosso arcebispo e, então, ele falaria delas sobre a alcunha de uma "única cidade"? Ou, como o título da obra de Cícero Dias (1907-2003), "Eu vi o mundo... ele começava no Recife" (1930),

> "Um olhar sobre a cidade", de Dom Helder Câmara [sic], não é propriamente um olhar o sobre a cidade, sobre aquelas belezas naturais, arquitetônicas e históricas de Recife, Olinda. Nada disto. O panorama é o povo, o povo na expressão genérica da palavra povo. Um livro de crônicas e poesias e que em seu todo é um poema só. Um poema de amor ao próximo assim como ordenou o Divino Mestre. E burilado num estilo cantante e consolador. Um acalanto que agrada e conforta e faz com que tenhamos ânimo e esperança, mesmo em plena pobreza... (FONTES IBIAPINA, 1977, p.5)

Dom Helder viu das janelas de sua diocese, o mundo e, esse objeto central de suas crônicas permitiu que ele pudesse falar de forma livre e "franca" sobre os mais variados temas. Localizamos os manuscritos dos programas escritos entre os anos de 1974 e 1983. Documentos indicam que eles foram escritos durante as conhecidas vigílias: "Continua absorvendo parte da Vigília "Um olhar sobre a Cidade", 5 minutos de Rádio Olinda, às 6 horas da manhã, de 2ª a sábado. Mas pela reação crescente e amplamente favorável dos Ouvintes, vale a pena o sacrifício..." (CAMARA, 1974, fl.04). Cada crônica foi escrita à mão por Dom Helder, ele usou blocos de anotações, que mediam meia página de papel A4. De modo que cada um dos programas tinha, em média, três páginas. Todos eles foram datados e paginados pelo autor, mas não chegaram a ser numerados por ele. No cabeçalho encontram-se as seguintes informações, nessa ordem: o nome da emissora – Rádio



Olinda; seguido do título – Um olhar sobre a cidade; a data completa, composta por dois dígitos do dia, dois do mês e quatro do ano, todos separados por ponto – 01.04.1974; a última informação diz o respeito ao dia da semana. A numeração das páginas de cada manuscrito está colocada no canto superior direito de cada folha.

A quem se dirigiam as crônicas? Aos "queridos amigos" de Dom Helder, esse foi o vocativo escolhido por ele para tratar seus rádio-ouvintes. A eles falava de forma direta, às 06 horas da manhã. Qual era o intuito do programa? "Aqui estamos para dizer-lhes uma palavra amiga de coragem, de esperança, de verdade, de amor e de paz" (CAMARA, 1974, fl.1), assim resumiu Dom Helder em seu primeiro programa. Atencioso com a organização das ideias, ao analisarmos os manuscritos dos programas percebemos que há poucas palavras rasuradas, a maior parte do texto é formada por frases curtas, objetivas e escritas na ordem direta (sujeito, verbo e predicado). De um modo geral, as ideias que dão sustentação a argumentação do texto são apresentadas em ordem: introdução ou preambulo do tema geral, breve discussão, seguida por um fecho ou conclusão.

Uma pergunta pertinente, depois de ler todos esses textos era: se todos eles haviam sido de autoria de Dom Helder ou se ele tinha auxiliares para lhe ajudar na escrita? Essa pergunta não poderia ser respondida somente com a observação dos manuscritos, visto que todos foram escritos pelo próprio dom Helder, mas, por exemplo, hoje já se sabe que outros manuscritos que passaram para a história como sendo de autoria de Dom Helder, em realidade, trata-se de uma incorporação ao texto dele. Nesse sentido frases e trechos inteiros de manuscritos que são de autoria de outros autores acabaram sendo erroneamente atribuídas a Dom Helder.

> O programinha da Rádio Olinda "Um olhar sobre a Cidade", no dia 1º de agosto, completou 4 meses...Não é nada, não é nada, mas tem que haver assunto novo cada manhã... Ainda bem que a Família querida vem enviando material precioso e sugestões que procuro segurar com as duas mãos... (CAMARA, 1974b.fl.01).

Durante os meses de pesquisa, pudemos ouvir muitos desses programas e percebemos que a única diferença substancial entre os manuscritos e as gravações era a forma como Dom Helder terminava cada programa, nos manuscritos, costuma usar as reticências, sinal gráfico que indica, no texto, um prolongamento da ideia, segundo a norma culta da língua portuguesa, deixando a que a ideia da conclusão



do sentido seja feita conforme a interpretação pessoal de cada leitor, no caso dos programas, de cada rádio-ouvinte. Nas gravações, no entanto, Dom Helder costumava terminar os programas com as seguintes expressões: “até amanhã, às cinco para sete, se Deus Quiser!”. Segundo nossa análise, esse conjunto de palavras carrega uma série de informações ricas de detalhes, que poderiam passar despercebidas à olhos desatentos, ao afirmar o provável horário do programa no dia seguinte, Dom Helder achou uma forma eficiente de “burlar” a censura à qual a emissora sofria. O programa nunca foi retirado da “grade” da emissora pelos sensores, mas era trocado constantemente de horário,

> ... na manhã de ontem a “proposta” da Direção da Rádio Olinda de fazer voltar “Um olhar sobre a Cidade”, do seu horário de 5 para 7 da manhã, para o horário primitivo das 6 da manhã às 6 e 5... O horário de 5 pra 7 vinha abrindo o programa, de maneira progressiva e constante para as classes B e C. Salvo engano, a Direção da Rádio – sensibilíssima e obedientíssima à Censura Oficial – deve ter recebido algum sopro que não pode confessar... A Censura, era evidente, tinha que se inquietar com a conquista de terreno que o Programa vinha fazendo... Não dei, ainda, resposta definitiva porque não ouvi ainda o Governo Colegiado e o Conselho Pastoral... (CAMARA, 1976, fl. 03)

Por que censurar um programa que aparentemente era inofensivo? Segundo nossa análise, a forma como Dom Helder formatou o programa foi fundamental para consegui-lo manter no ar por tanto tempo, ainda que sofresse aqui e ali censuras do Governo. Por isso destacamos dois aspectos: primeiro, os programas foram criados para dar voz a Dom Helder, ou seja, durante o tempo do programa, não havia interação com o público, isso também permitia a ele que mesmo que estivesse fisicamente fora da sua Arquidiocese ele pudesse deixar os programas gravados, há vários registros dessas gravações.

Segundo a escolha do gênero literário, as crônicas, elas permitiam ao autor transitar livremente entre temas variados, a partir de uma abordagem do quotidiano, mesclando temas jornalísticos e literários. Por sua natureza, a crônica é breve, curta do tamanho e no espaço-tempo de seu texto, esse sentido de brevidade faz com que o autor seja mais limitado ao núcleo central da reflexão ao qual se propõe, evitando, com isso longas digressões.



Em cada uma das crônicas o ouvinte facilmente entende sua estrutura, ela é clara, objetiva e direta. Façamos o exercício de observação a partir do manuscrito da crônica de 17.05.1974. “Quando chegam turistas à nossa cidade, se quem os recebe tem recursos, poderá, querendo, mostrar aos visitantes, 10, 15, 20 recantos inesquecíveis....” (CAMARA, 1974b, fl.01). Poderíamos destacar algumas palavras-chaves: “turistas”, “cidade”, “recursos” e “recantos inesquecíveis”. A partir delas, se constitui o fato jornalístico que serve de mote para a crônica. Que segue assim:

> Mas não há Cidade que não tenha seus lados tristes. Vou lembrar alguns no programa de hoje, não para que eles sejam mostrados aos turistas ou sirvam para alimentar críticas negativas. O importante é ter olhos de ver e disposição para não cruzar os braços (CAMARA, 1974b, fl.01).

Aqui está o que chamamos de núcleo da crônica, ou o trecho do programa, em que o apresentador/narrador indica ao ouvinte o que aquele elenco de informações que se seguirão deve provocar como reflexão. No manuscrito em questão, as pequenas cenas narradas pelo autor nos trazem cenas que tantas vezes vistas por todos nós terminam por fazer parte da paisagem, isso nos leva a uma inércia social, daí o pedido inicial do autor faz ainda mais sentido. Em curtas palavras, Dom Helder nos pede que deixemos a cômoda situação das críticas negativas e, passemos ao movimento, que nesse caso, não se tratava apenas daquele movimento individual, mas, no caso dessa crônica, tratava-se de impelir a um movimento coletivo

> desde já, podemos e devemos saber que todos nós temos nossa parte de responsabilidade diante da situação de pobreza e de miséria em que se acham muitos de nossos irmãos e irmãs em Cristo. Seria errado e injusto querer que o governo faça tudo [...] e devemos ter serenidade e coragem para emprestar voz aos sem-vozes, e a cobrar o que não é favor, mas obrigação do poder público. Mas a Igreja também tem sua parte de grande responsabilidade, e tantos temos que nos mover e nos unir para não ouvir em vão a pergunta que não deixa e não deixará de fazer-nos o próprio Deus: “Onde está teu irmão?... (CAMARA, 1974b, fl.03).

Esse foi o caminho que Dom Helder escolheu para entrar todos os dias, um pouquinho, na vida de cada ouvinte do seu programa. De forma sutil, superando o proselitismo que facilmente poderia resvalar. Ele conseguiu mais do que os cinco



minutos aos quais se propôs a fazer, ele criou uma marca na memória afetiva dessas pessoas. Sua voz marcou não só uma geração através das ondas locais, mas, tamanho o sucesso de seus pequenos textos, que eles precisaram ser eternizados em outros meios... os livros.

Para não dizer mais do mesmo

O primeiro livro foi lançado em fins de 1976 como mensagem de ano novo pela Civilização Brasileira – no valor de Cr$ 45,00 – e contava com um conjunto de 67 crônicas. De nome pariforme ao programa, sua primeira versão obteve um grande êxito editorial e chegou a ocupar o patamar de best seller, o que nos é significativo dada as circunstancias do período em que Dom Helder não podia ser mencionado nos meios de comunicação. Até onde podemos constatar, sua segunda versão foi lançada em 1977 e noticiada pelo Jornal "Estado de Minas" em 19 de agosto do mesmo ano; já em 24 de fevereiro de 1979 o "Jornal de S. Catarina" noticiava o lançamento da quarta versão, com 148 páginas e custando Cr$ 90,00. Em 20 de janeiro de 1980, a "Folha de Goiás" divulgou que a obra estava sendo vendida por Cr$ 120,00.

A Paulus voltou a editar um livro que conservou o mesmo título da versão da Civilização Brasileira, mas contou com 63 crônicas. Seu lançamento se deu numa quarta-feira após uma missa celebrada às 17h na Igreja das Fronteiras em sete de fevereiro de 1996, dia em que o Arcebispo emérito do Recife e Olinda completou 87 anos. A ocasião foi narrada um dia após pelo Diário de Pernambuco:

> O arcebispo emérito de Olinda e Recife, Dom Helder Camara, deu provas de fôlego, ontem, no dia do seu aniversário, que foi comemorado com celebração de uma missa por 17 religiosos e o lançamento do livro "Um Olhar sobre a Cidade". Ele atendeu telefonemas de vários locais do País e Exterior, leu telegramas, autografou seu trabalho, e saudou a população que foi à Igreja das Fronteiras, na Ilha do Leite. "A vida vai passando e, aos 87 anos, já é tempo de agradecer a Deus o muito ou pouco tempo de vida neste mundo" considerou Dom Helder. A missa teve como peculiaridade o grande número de pessoas – maior que nos anos anteriores – e as presenças de personalidades como o secretário de Justiça do Estado, Roberto Franca, o presidente da Assembleia Legislativa, Pedro Eurico, e secretária do Patrimônio Histórico e Cultural de Olinda, Marieta Borges, e o secretário de Segurança Pública do Estado, Antônio Moraes. (RODRIGUES,1996, p. 2).



Tanto a versão da Civilização Brasileira quanto a da Editora Paulus possuem um caráter de "programa pelo programa", pois restringem-se a reproduzir os textos tais quais foram lidos. Não apresentam eixos temáticos e algumas informações relevantes deixam de ser apresentadas, como datas em que os programas foram ao ar bem como quem os selecionou.

As crônicas são novamente editadas em 2016 pela CEPE (Companhia editora de Pernambuco). O livro *post mortem* intitulado "*Meus Queridos Amigos*", foi organizado pela jornalista Tereza Rozowykwiat. que conviveu com Dom Helder

> Minhas considerações sobre Dom Helder não são baseadas em livros nem relatos. Convivi com ele durante três anos, de 1978 a 1981, como repórter do Diário de Pernambuco, responsável pela cobertura da Arquediocese de Olinda e Recife, com ênfase especial no trabalho nas favelas, nas questões dos Direitos Humanos e da Comissão Justiça e Paz. O que posso dizer sobre esta época é que representou um inestimável aprendizado pessoal e profissional (ROZOWYKWIAT, 2016.Apresentação).

Se difere das outras publicações ao passo que traz um maior número de crônicas (200 ao total) dispostas em 486 páginas e subdivididas em seções temáticas, que são: a opção prioritária pelos pobres, aspectos políticos, avanços necessários na igreja, conselhos aos ouvintes quanto a situações do dia-a-dia e análise dos sentimentos que podem engrandecer ou amesquinhar os indivíduos. O último capitulo é reservado para o que a organizadora acha de mais importante: o jeito de ser do Dom, seus sonhos e sua interpretação da realidade e da natureza. Em entrevista, Tereza ressalta: "Neste último capítulo, eu coloquei o que não caberia nos demais temas. Revela muito quem Dom Helder era para mostrar àqueles que não conviveram com ele" (NOTARO, 2016, p. 8).

Uma informação curiosa trazida pela mesma matéria, é que a organização de Tereza Rozowykwiat teve o cuidado de separar um espaço para "notas" no fim do livro, com as quais detalha alguns pontos das crônicas de Dom Helder, dando a origem de alguns personagens ilustres dessas falas e datando acontecimentos. A cerimônia de lançamento ocorreu no dia 10 de abril, às 9h30, na Igreja das Fronteiras. No dia do lançamento o preço promocional do livro correspondia à R$ 40,00. Após o evento, a obra passou a ser vendida por R$ 50,00. Apesar da



grandiosidade, *"Meus queridos amigos*" ficou restrito à Pernambuco por ser de uma editora local que não apresenta uma distribuição nacional.

Em 2018 é lançado o artigo "*O cronista da Cidade sonhada*" do Prof. Dr. José Afonso Chaves, presente no livro "Andar às voltas como belo é andar às voltas com Deus: A relação de Dom Helder Camara com as artes" da editora Bagaço. O texto não se limita a reproduzir as crônicas, mas se preocupa em tecer uma crítica a elas. Ao propor uma análise do manuscrito datado de 05 de abril de 1974, cujo título é *Mocambos: Cristo na Lama*, Afonso dá início ao primeiro trabalho neste sentido, mas não analisa em profundidade o programa de rádio e sim o gênero literário.

Considerações finais

Fazemos parte de geração que não é contemporânea a Dom Helder, o conhecemos através dos manuscritos. Não possuímos a memória afetiva daqueles que tiveram o privilégio de escutá-lo em vida nas ondas da Rádio Olinda. Por isso, nossa análise parte do lugar de pesquisadoras que têm sob o objeto um distanciamento histórico.

O presente artigo tem como diferencial a negação do óbvio. A partir do momento em que lançamos mão do paradigma indiciário como método de pesquisa, fomos impulsionadas a investigar mais, e para saber mais, procuramos em fontes diferentes e complementares (circulares, programas de rádio, notícias de jornais). Ou seja, conseguimos reunir elementos diferenciados que foram capazes de responder as perguntas que o nosso objeto primeiro suscitou. Em segundo lugar, fomos atrás de saber como se forma um comunicador – não aquele nascido nos centros universitários – mas aquele que construiu o seu saber a partir da experiência vivida.

Este trabalho não pretende dar por encerrada uma pesquisa, mas lançar sementes para que novas pesquisas sejam feitas a partir dele. Isso porque além de conseguirmos fazer um levantamento bibliográfico, obtivemos respostas de perguntas que ainda não haviam sido elaboradas – e que podem ser melhores aprofundadas. Por último, e não menos importante, conseguimos de forma cronologicamente ordenada apresentar um trabalho, que apesar de tratar de um tema já abordado em outras publicações, foi capaz de lançar um novo olhar sobre "*Um Olhar sobre a Cidade*".



Referências

CAMARA, Helder. Dom Helder Camara faz o elogio do rádio. [Entrevista concedida a] Hélio Tys. **Revista do Rádio**. Rio de Janeiro, 08-09-1956. n. 366. Rio de Janeiro,08-09-1956. p.8-9. Disponível on-line via: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=144428&PagFis=26176&Pesq=Dom%20Helder , acessado em 01 dez. 2019.

_____. D. Helder Câmara encontrou no rádio, seu ideal apóstolo. [Entrevista]. In: **Revista do Rádio**. Rio de Janeiro, 1958. Nº 472. p.64-65. Disponível on-line via: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=144428&PagFis=26176&Pesq=Dom%20Helder , acessado em 01 dez. 2019.

_____. [Crônica]. **Um olhar sobre a cidade**. Recife. 1º de abr. 1974. 03fl. Disponível online via: http://200.238.101.22/docreader/docreader.aspx?bib=UOSCIDADE , acessado em 30 nov. 2019.

_____. [Crônica]. **Um olhar sobre a cidade**. Recife. 17 de maio. 1974. 03fl. Disponível online via: http://200.238.101.22/docreader/docreader.aspx?bib=UOSCIDADE , acessado em 30 de nov. 2019.

_____. [250ª Circular] 3ª fase: Articulação das Minorias Abraâmicas. [para]. Recife, 3/4.8.1974. 3fl.

_____. [430ª Circular] 3ª fase: Articulação das Minorias Abraâmicas. [para] Família Mecejanense. Recife, 6/7.12.1976. 3fl

CAMÕES, Luís Vaz de. **Os Lusíadas**. prefácio de Álvaro Júlio da Costa Pimpão; apresentação de Aníbal Pinto de Castro - 4.a ed. - Lisboa: Ministério dos Negócios Estrangeiros. Instituto Camões, 2000. Disponível on-line via: file:///C:/Users/lucyp/Downloads/oslusiadas.pdf , acessado 05 dez. 2019

FONTES IBIAPINA. Considerações Literárias [resenha]. Um olhar sobre a cidade. In: Folha do Litoral. Parnaíba (PI), 19 fev. 1977. p.5
Disponível on-line via: http://200.238.101.22/docreader/docreader.aspx?bib=Jornais , acessado em 06 dez. 2019

NOTARO, Tatiana. [reportagem]. As palavras de Dom Helder. In: Folha de Pernambuco. Recife, 10 de abr. de 2016. p. 8.
Disponível on-line via: http://200.238.101.22/docreader/docreader.aspx?bib=Jornais , acessado em 06 dez. 2019

RODRIGUES, Evaldo. [reportagem]. Dom Helder Recebe homenagem: Arcebispo Emérito comemora aniversário. In: Diário de Pernambuco. Recife, 08 de fev. de 1996. p. 2.
Disponível on-line via: http://200.238.101.22/docreader/docreader.aspx?bib=Jornais , acessado em 06 dez. 2019

ROZOWYKWIAT, Tereza (org.). **Meus queridos amigos**: as crônicas de Dom Helder Camara. Recife: CEPE, 2016.